

PROJETO DE PÓS-DOCTORADO

Crítica fenomenológica ao objetivismo científico

Marcus Sacrini A. Ferraz

I – Resumo

Trata-se de circunscrever, primeiramente, a crítica formulada por E. Husserl ao objetivismo científico, ou seja, à orientação teórica segundo a qual o conhecimento científico deve superar toda referência à experiência subjetiva, e segundo a qual a realidade mundana é composta de elementos absolutamente independentes dessa experiência. Essa crítica decorre de alterações no projeto fundacionista defendido por Husserl no decorrer de sua obra, as quais apresentamos em seus aspectos gerais. Em seguida, buscaremos elementos para complementar tal crítica, sem um comprometimento com o fundacionismo husserliano, na obra do filósofo contemporâneo H. Lacey.

II – Introdução e justificativa

1. Apresentação

Em nossa tese de doutorado (financiada por bolsa FAPESP), buscamos expor as relações entre fenomenologia e ontologia na obra de Merleau-Ponty. Ali, acompanhamos de que maneira esse autor abandona uma concepção que identificava o *ser do mundo* ao *aparecer fenomenal* e passa a desenvolver uma noção ampliada de *ser*, a qual não se reduz àquilo que é imediatamente apreensível pelas capacidades perceptivas humanas. Constatamos que um dos elementos responsáveis por tal mudança teórica foi a consideração dos *resultados científicos* como índices de uma concepção ontológica mais vasta que aquela sugerida pela descrição das situações cotidianamente percebidas. A ciência pretende descrever eventos e processos que excedem aquilo que é diretamente captável pela percepção humana e, por conseguinte, acaba por sugerir uma concepção ampla de ser, não circunscrita aos dados da vida perceptiva ingênua. Avaliamos que embora reconhecesse esse potencial de ampliação ontológica contido nas investigações científicas, Merleau-Ponty não aceitava certas interpretações

filosóficas comumente associadas a tais investigações¹. Segundo essas interpretações, o ultrapassamento dos dados ingenuamente percebidos significa que a ciência atinge um conhecimento dos componentes últimos da realidade (os quais estariam além de quaisquer relatividades subjetivas). Segundo essa visão, o conhecimento científico seria capaz de superar todas as relatividades subjetivas e estudar as coisas e eventos tais como são neles mesmos. Haveria, assim, por parte da ciência, quase que uma purificação dos prejuízos e perspectivas subjetivas para que enfim os componentes do mundo pudessem ser explicitados.

Denominamos essa visão do trabalho científico, a qual é rejeitada por Merleau-Ponty, de *objetivismo*, o qual, antes de uma doutrina acabada, se caracteriza como uma certa *orientação teórica*, assumida por diversos intérpretes do trabalho científico. Conforme tal orientação, a *realidade* existe de maneira completamente independente da *subjetividade cognoscente*, e essa última só pode conhecer a primeira por meio de técnicas e instrumentos que anulem as interferências ou distorções produzidas pelo ponto de vista subjetivo. Essas técnicas explicitariam os componentes do mundo não como fenômenos ordenados conforme as capacidades perceptivo-motoras dos sujeitos, mas como uma infra-estrutura autônoma, que não necessariamente se organiza tal qual o mundo apresentado pela experiência sensível.

Em nossa tese de doutorado apenas mostramos que Merleau-Ponty rejeita a interpretação objetivista e que assimila alguns resultados científicos a fim de desenvolver uma concepção ontológica autônoma. Agora, em nosso pós-doutoramento, pretendemos explorar com mais detalhes as características do objetivismo tal como avaliadas do ponto de vista da escola fenomenológica (da qual Merleau-Ponty tomou parte ao menos em parte de sua carreira). Desse modo, daremos continuidade a um tópico-chave de nossa tese de doutoramento, o qual ali não pôde ser desenvolvido em toda sua complexidade. Além disso, gostaríamos de expandir o escopo de nossa investigação de maneira a incluir, e na verdade priorizar, a obra de Edmund Husserl (fundador da escola fenomenológica contemporânea), já que esse autor estabeleceu as bases gerais da crítica ao objetivismo posteriormente assimilada por Merleau-Ponty.

Segundo a interpretação objetivista, as pesquisas científicas almejam desvelar os componentes da realidade além de qualquer relatividade subjetiva, de maneira que somente ao se superar o domínio dos dados sensíveis atingem-se as estruturas últimas

¹ Cf. Merleau-Ponty, M. *L'Oeil et l'Esprit*. Paris: Gallimard, Folio Essais, 1999, p.10. Cf. Merleau-Ponty, M. *Le Visible et l'Invisible*. Paris: Gallimard, col. TEL, 2001, p.30-35.

do mundo. Husserl constrói uma elaborada argumentação para rejeitar a interpretação objetivista. Trata-se de mostrar que as verdades científicas (que aparentemente exprimem aspectos de eventos independentes da subjetividade) se originam na experiência sensível e a ela remetem para obter seu pleno sentido². Quer dizer que a aquisição do conhecimento científico não supõe a supressão do ponto de vista subjetivo, mas sim a elaboração de um campo teórico específico, que isola e investiga somente alguns dos elementos da experiência sensível. Se é assim, então o *objetivismo* não fornece uma explicação adequada de como a ciência trabalha, já que não se trata simplesmente de captar dados puramente objetivos, como se esses se doassem passivamente à subjetividade cognoscente; na verdade esses dados são *constituídos* sobre a experiência sensível. Além disso, o objetivismo sugere uma concepção ontológica errônea, já que a idéia de um mundo completamente independente dos predicados subjetivos é uma abstração metódica e não uma constatação direta dos componentes reais do mundo. Dessa maneira, a consideração da riqueza da experiência sensível na base das investigações científicas e do modo como essas últimas empobrecem metodicamente tal experiência constituem os tópicos centrais da crítica ao objetivismo formulada por Husserl. A fim de compreender as virtudes tal crítica (por exemplo, é preciso avaliar qual o papel que a perspectiva fundacionista de Husserl nela exerce), pretendemos formular, de início, um quadro geral acerca da postura de Husserl em relação às ciências.

2. Husserl e as ciências

Em diferentes períodos de sua obra, Husserl defende uma posição *fundacionista* em relação às ciências, ou seja, defende que o conhecimento científico se apóia sobre bases últimas seguras. Haveria, assim, certos princípios ou leis necessárias e auto-evidentes responsáveis pela justificação de todo o edifício do saber teórico. Caberia à filosofia avaliar se as ciências se encontram bem fundamentadas e se, desse modo, elas cumprem sua função de conhecimento com total evidência e solidez. Embora mantenha tal perspectiva quase que de ponta a ponta de sua obra, Husserl alterou significativamente o modo pelo qual julgava que tal análise filosófica da fundamentação

² “Há dois tipos de verdade: por um lado, as verdades de situação, cotidiano-práticas, de fato relativas (...), por outro, as verdades científicas, cuja fundamentação reconduz justamente às verdades de situação” (Husserl, E. *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie. Eine Einleitung in die phänomenologische Philosophie*. Hua. VI. Haag: Martinus Nijhoff, 1976, §34f, p.135. Doravante citado como K).

das ciências deveria ocorrer. A crítica ao objetivismo surgirá como fruto dessas transformações no projeto fundacionista, assim veremos. Antes, apresentemos os três principais modelos fundacionistas presentes na obra husserliana:

a) *Clarificação de conceitos*: trata-se de um método já utilizado em *Filosofia da Aritmética* e *Investigações Lógicas*, e aperfeiçoado em *Idéias I* e *Idéias III*. A idéia principal é avaliar, *em um primeiro nível*, se os conceitos ou proposições elementares das disciplinas científicas de fato apreendem as características principais das regiões ontológicas investigadas cientificamente³. Essa avaliação é pré-transcendental no sentido em que não questiona as condições que tornam possível o acesso a tais regiões, mas simplesmente as supõe dadas e então analisa o caráter efetivo com que as ciências a elas se dedicam. No entanto, *em um segundo nível*, Husserl indica que a própria intuição subjetiva deveria ser levada à clarificação, o que significa explicitar as estruturas responsáveis pela assimilação e ordenação dos dados mundanos⁴. Aqui há uma passagem explícita ao projeto transcendental (analisado no item b, a seguir), que é então um desdobramento do método de clarificação.

Explicitemos com algum detalhe o desenvolvimento da doutrina da clarificação. No capítulo XI dos *Prolegômenos das Investigações Lógicas*, Husserl define aquilo que dá cientificidade à ciência como uma certa *unidade* objetiva ou ideal dos conhecimentos adquiridos, como uma certa *forma* de inter-relação de tais conhecimentos. Essa forma é aquela de um *sistema dedutivo axiomático*, cujos axiomas são, na verdade, leis fundamentais das quais os conhecimentos particulares devem ser derivados⁵. No caso das teorias matemáticas ou formais em geral, tais leis são proposições analíticas, isto é,

³ “Trata-se de reconduzir as ciências à sua origem, requerendo visão evidente e validade rigorosa, e de transformá-las em sistemas de conhecimentos evidentes, graças a um trabalho de clarificação, de distinção de fundação última. Trata-se de reconduzir os conceitos e as proposições às próprias essências conceituais apreensíveis em intuição e às próprias doações relativas às coisas às quais eles conferem uma expressão apropriada, na medida em que são efetivamente verdadeiros” (Husserl, E. *Ideen zur einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie. Drittes Buch: Die Phänomenologie und die Fundamente der Wissenschaften*. Hua. V. Haag: Martinus Nijhoff, 1971, §18, p.97. Doravante citado como IdIII).

⁴ “O processo de clarificação tem, portanto, uma significação dual: a explicitação do conceito por meio da intuição preenchidora, mas, em segundo lugar, um processo de clarificação se realizando na esfera da própria intuição” (IdIII, §20, p.103).

⁵ “A unidade sistemática da totalidade idealmente fechada de leis, as quais repousam em uma legalidade fundamental como seu fundamento último e são dele derivadas por dedução sistemática, é a *unidade de uma teoria sistematicamente completa*. Essa legalidade fundamental consiste aqui seja em uma lei fundamental seja em uma reunião de leis fundamentais homogêneas” (Husserl, E. *Logische Untersuchungen. Erster Teil. Prolegomena zur reinen Logik*. Haag: Martinus Nijhoff, 1975, §63, p.234. Doravante citado como P).

cujas verdades se determinam exclusivamente pelo sentido dos conceitos ali contidos⁶. Essas leis são fundamentais porque não requerem nenhum outro conhecimento como sua justificativa; elas são auto-evidentes, ou seja, justificam a si mesmas e a todos os conhecimentos particulares do âmbito científico em questão⁷. A tarefa da filosofia, segundo Husserl, não é a de inventar essas leis ou princípios primeiros das teorias dedutivas, mas a de avaliar se aqueles princípios oferecidos como tais pelos cientistas realmente cumprem sua função⁸. É por meio de uma intuição acerca das essências dos temas investigados cientificamente (por exemplo, intuição acerca da essência dos conjuntos, das multiplicidades, e de outros temas da matemática) que o filósofo pode então julgar se certas leis ou axiomas realmente cumprem seu papel de fundamentação ao delimitarem e apresentarem com evidência a região a ser dedutivamente analisada⁹.

Notemos que a definição de cientificidade como sistema dedutivo de proposições derivadas de princípios auto-evidentes não pode se cumprir plenamente em relação às ciências empíricas. Afinal, não há leis empíricas que se estabelecem como auto-evidentes independentemente de quaisquer outros conhecimentos. As ciências empíricas dependem de descobertas em relação aos objetos estudados, o que pode mesmo levar a uma revisão das leis então consideradas fundamentais¹⁰. Não há, assim, uma inter-relação dedutiva inabalável entre os conhecimentos empíricos; a unidade teórica objetiva que atribui cientificidade às ciências formais parece não se reproduzir exatamente nas ciências empíricas, já que aí diversos fatores contingentes contribuem

⁶ Não é verdade então, tal como afirma E. Ströker, que nas *Investigações Lógicas* Husserl investiga a ciência somente em termos de seus complexos mentais correspondentes (cf. Ströker, E. *The Husserlian Foundations of Science*. Dordrecht: Kluwer, 1997, p.12). A ciência é investigada em termos de sistema dedutivo de leis.

⁷ “A fundamentação das leis gerais conduz necessariamente a certas leis que por sua essência (logo, ‘em-si’, e não somente subjetiva e antropologicamente) não são mais fundáveis. Elas se chamam leis fundamentais” (P, §63, p.234).

⁸ “Ao lado do trabalho engenhoso e metódico das ciências particulares, as quais são orientadas mais para a solução e domínio prático que para uma visão evidente de essência [*auf wesenhafte Einsicht*], é necessária uma reflexão contínua de ‘crítica do conhecimento’, a qual cabe exclusivamente ao filósofo” (P, §71, p.255)

⁹ Ao tratar dos princípios fundamentais da lógica, Husserl afirma o seguinte: “é então evidente que a exigência de uma justificação de princípio para todo conhecimento mediato somente pode ter um sentido possível se nós somos capazes de reconhecer imediatamente e com evidência [*einsichtig*] certos princípios últimos sobre os quais toda fundamentação em bases últimas se alicerça” (P, anh §25-26, p.94). Essa busca por uma intuição evidente dos princípios lógicos é estendida para os princípios das demais ciências: a investigação filosófica almeja “chegar a uma visão evidente acerca do sentido e essência das realizações [*Leistungen*] (dos cientistas) em relação ao método e ao objeto. Não basta ao filósofo (...) que nós tenhamos leis como fórmulas que nos permitem prever o curso futuro das coisas ou reconstruir seu curso passado, mas ele quer elucidar o que é a essência de ‘coisa’, ‘processo’, ‘causa’, ‘efeito’, ‘espaço’, ‘tempo’, etc. (...). E se a ciência constrói teorias para a solução sistemática de seus problemas, a filosofia questiona o que é a essência de uma teoria, o que a teoria torna possível no geral, etc.” (P, §71, p.255).

¹⁰ Husserl admite, quanto às ciências empíricas, que “as *próprias teorias* são apenas de uma probabilidade evidente [*einsichtig*], elas são apenas teorias provisórias e não definitivas” (P, §72, p.257).

para o estabelecimento (descontínuo) do saber. Sendo assim, Husserl considera que em cada estágio histórico há um determinado conjunto de dados empíricos que justifica as *teorias empíricas* com maior *probabilidade*. Desse modo, no caso das ciências empíricas, a intuição eidética praticada pelo filósofo deve se contentar em confirmar se as teorias aceitas explicam os fatos com a maior probabilidade alcançável (uma vez que não haveria princípios necessários e auto-evidentes a serem clarificados)¹¹.

Husserl tenta minimizar a discrepância entre as ciências formais e empíricas já nos *Prolegômenos* ao defender que a escolha das teorias empíricas pela maior probabilidade vale como norma ideal fundante das ciências empíricas¹². Mas o caráter *probabilístico* do conhecimento empírico gera dificuldades para o projeto fundacionista husserliano. Afinal, se o conhecimento empírico é sempre provável, então parece não haver sentido em buscar *leis básicas* responsáveis pela fundamentação de todo o saber particular. Quer dizer que a própria idéia da cientificidade como sistema dedutivo baseado em princípios auto-evidentes parece ser posta em questão, ou, na melhor das hipóteses, parece ser restringida às disciplinas formais. Em *Idéias I*, Husserl oferece uma solução alternativa à fundamentação das ciências empíricas, a qual universaliza a idéia de ciência como unidade teórica ideal dedutiva (e, por conseguinte, uniformiza a tarefa da filosofia como a de avaliar *os princípios auto-evidentes* sobre os quais todo conhecimento particular se funda)¹³. Conforme o parágrafo nove de *Idéias I*, os fatos e eventos empíricos possuem uma estrutura eidética segundo a qual participam de determinadas *regiões de ser* (por exemplo, uma pedra pode ser subsumida ao gênero eidético *objeto físico*; um animal, além de participar desse gênero, é particularmente qualificado como *ser vivo*; etc.). Husserl crê que as características definidoras das regiões eidéticas podem servir de fundamento para as ciências empíricas, uma vez que predeterminam o alcance geral das investigações a serem realizadas. Assim, as ciências empíricas poderiam se apresentar como sistemas dedutivos baseados em princípios necessários e auto-evidentes se seus conceitos primitivos realmente apreendessem tais características definidoras da região de ser a que se dedicam¹⁴. Por sua vez, a tarefa

¹¹ “Nós pretendemos que haja a cada vez apenas um comportamento justificado na avaliação das leis explicativas e na determinação dos fatos verdadeiros, e isso para cada degrau alcançado pela ciência” (P, §72, p.258).

¹² Cf. P, §72, p.258.

¹³ Seguimos aqui a interpretação de H. Philipse em “Edmund Husserl and the history of classical foundationalism”. In: Feist, R. (org.). *Husserl and the Sciences*. Ottawa: Univ. of Ottawa Press, 2004, p.11-39.

¹⁴ “Cada ciência empírica inserida no âmbito de uma região será, por conseguinte, referida essencialmente não só às disciplinas ontológicas formais, mas também às disciplinas ontológicas regionais. (...) Toda

filosófica da clarificação das ciências empíricas poderia se realizar tal qual em relação às ciências formais: trata-se de avaliar se os conceitos basilares das disciplinas empíricas de fato correspondem às propriedades essenciais das regiões de ser em questão. Com efeito, em *Idéias III*, Husserl generaliza o *método de clarificação dos conceitos básicos em relação à região de ser correspondente* como procedimento para avaliar a fundamentação de todas as ciências. Segundo Husserl, “não importa qual conceito possui sua própria essência conceitual que idealmente toma lugar em um gênero essencial”¹⁵. O método de clarificação se aplica assim homogeneamente para os conceitos basilares de todas as disciplinas científicas: em todos os casos, trata-se de saber se as características eidéticas dos temas em questão foram adequadamente apreendidas por tais conceitos.

b) *Busca de condições transcendentais de possibilidade da experiência*: ao menos desde *A Idéia da Fenomenologia* (1907), Husserl desenvolve a *fenomenologia transcendental*, a qual investiga as estruturas e sínteses subjetivas que tornam possível o acesso à realidade mundana. Como mencionamos no item anterior, a *clarificação de conceitos* supõe dada a possibilidade de apreender as propriedades das diferentes regiões de ser, e apenas avalia se os conceitos basilares das ciências realizam satisfatoriamente tal apreensão. Ao lado dela, Husserl sugere desenvolver uma clarificação dos próprios poderes intuitivos subjetivos, clarificação que se constitui justamente como problemática transcendental. Nessa problemática, trata-se justamente de investigar a possibilidade que a clarificação dos conceitos supõe dada, a saber, de que a subjetividade se relaciona com diferentes regiões de ser. Na reflexão transcendental, importa explicitar as condições subjetivas por meio das quais qualquer referência ao ser do mundo ocorre. Essa passagem à investigação transcendental *sugere* um novo modelo para a fundamentação das ciências. Segundo Husserl, o esclarecimento das condições subjetivas de possibilidade da experiência é uma questão ignorada pelas ciências (formais ou empíricas), as quais se dirigem diretamente para seus objetos sem elucidar os condicionantes subjetivos de tal empreitada¹⁶. Ao revelar tais condições, a

ciência de fatos (ciência da experiência) tem fundamentos teóricos essenciais em ontologias eidéticas” (Husserl, E. *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie. Erstes Buch: Allgemeine Einführung in die reine Phänomenologie*. Hua. III-1. Haag: Martinus Nijhoff, 1977, §9, p.23. Doravante citado como IdI).

¹⁵ IdIII, §19, p.99.

¹⁶ Husserl apresenta as ciências (formais e empíricas) como atividades “voltadas para as coisas, sem nenhuma preocupação com qualquer problemática epistemológica ou cética. Partem do dado originário de

fenomenologia esclareceria a base da qual a atividade científica se origina, ou seja, o fundamento transcendental implícito em todas as ciências particulares.

Há nesse projeto fundacionista uma notável diferença em relação à tarefa de clarificação dos conceitos. Nessa última, cabia ao filósofo *avaliar* as construções teóricas fornecidas pelos cientistas. Já no caso da análise transcendental, cabe ao filósofo *explicitar* uma infra-estrutura de atos e sínteses objetivantes pelos quais os objetos científicos são constituídos, mas tal infra-estrutura seria ignorada pelos próprios cientistas, que dela fazem uso constantemente. Aqui, a filosofia de fato oferece os fundamentos do trabalho científico (e não somente aprecia aqueles apresentados pelos próprios cientistas), pois é por meio da análise das condições transcendentais que se pode legitimar as investigações científicas como empreitadas que pretendem se dirigir para objetos e eventos mundanos.

Dissemos que a passagem à atitude transcendental *sugere* um segundo modelo fundacionista na obra de Husserl. Essa ênfase na *sugestão* de um modelo (mais do que em sua efetiva *assunção*) não é gratuita, uma vez que nos parece que o desenrolar da análise dos componentes da subjetividade transcendental *impediu a consecução* desse programa fundacionista que tomaria certos complexos de atos e sínteses como princípios necessários e auto-evidentes dos quais todo conhecimento particular seria derivado. À medida que aprofunda suas análises da subjetividade transcendental, Husserl admite que a temporalidade imanente à vida subjetiva implica que há horizontes de indeterminação que envolvem todo dado manifestado no presente vivo da experiência. Assim, nenhum tema investigado se reduz a uma *doação pontual*, mas envolve potencialidades a serem desveladas futuramente, ou aspectos outrora manifestados a serem recuperados¹⁷. Quer dizer que as estruturas da subjetividade transcendental não são apreendidas de uma maneira absoluta, definitiva. O dado atual pode ser complementado por apreensões futuras, o que implica a possibilidade de incorreções ou enganos na doação atual¹⁸. Assim, os resultados da investigação

suas coisas (...) e perguntam enquanto o que as coisas se dão imediatamente e o que, com base nisso, se pode imediatamente inferir para essas coisas e para coisas do domínio em geral” (IdI, §26, p.54).

¹⁷ “Na ‘interioridade’ imanente do *ego* não há *antecipadamente* objetos, não há evidências que somente apreenderiam o que lá existe *antecipadamente*” (Husserl, E., *Formale and transzendentale Logik. Versuch einer Kritik der logischen Vernunft*. Hua. XVII. Haag: Martinus Nijhoff, 1974, §107c, p.292. Doravante citado como FTL).

¹⁸ “Mesmo uma evidência que se doa como apodítica pode se revelar uma ilusão” (FTL, §58, p.164).

transcendental possuem um caráter *presuntivo, incompleto*, e não podem, por conseguinte, servir de fundamento necessário e auto-evidente para as ciências¹⁹.

Husserl considera que o caráter temporal da experiência inviabiliza a doação adequada e necessária não somente dos componentes transcendentais da subjetividade, mas também das características eidéticas definidoras das diferentes regiões do ser, as quais seriam apreendidas intuitivamente pela subjetividade. Em *Psicologia Fenomenológica*, Husserl admite que a apreensão de essências não se realiza de uma vez por todas e está aberta a aperfeiçoamentos indefinidos²⁰. Quer dizer que o problema que impossibilita as estruturas transcendentais de realizarem o papel de fundação absoluta e auto-evidente das ciências também se estende para a solução almejada pela clarificação dos conceitos (a saber, a expressão das características eidéticas das regiões de ser pelos conceitos basilares das disciplinas). Lembremos que, conforme o primeiro modelo fundacionista de Husserl, as ciências estariam bem fundamentadas se seus conceitos ou proposições básicas captassem os principais aspectos eidéticos da região de ser a que se dedicam. No entanto, o caráter temporal da experiência subjetiva implica que a expressão de tais aspectos nos conceitos ou proposições fundamentais pode não ser definitiva. O que se compreende por características definidoras de uma região de ser está sujeito a mudanças, e mesmo os limites de tais regiões não são absolutamente fixos, mas alteráveis conforme a investigação científica avança. Assim, a impossibilidade de encontrar um fundamento necessário e auto-evidente no domínio transcendental não torna o primeiro modelo fundacionista de Husserl mais plausível. Com a admissão do insuperável caráter temporal de tudo o que se manifesta para a subjetividade, Husserl não pode retroceder para uma doutrina que apela para regiões de ser apreendidas por intuição eidética e se verá obrigado a desenvolver uma nova idéia de fundamentação das ciências²¹.

A admissão de que não é possível apreender com evidência adequada e necessária um fundamento absoluto e irrevogável para as ciências altera significativamente a postura transcendental de Husserl. Não há o abandono do projeto transcendental de explicitar as condições subjetivas fundantes de toda experiência, mas

¹⁹ Seguimos aqui a interpretação de Carlos Alberto R. de Moura em “A Invenção da Crise”. In: *Racionalidade e Crise. Estudos de história da filosofia moderna e contemporânea*. SP: Discurso/ UFPR, 2001, p.185-206.

²⁰ Cf. Husserl, E. *Phänomenologische Psychologie*. Hua. IX. Haag: Martinus Nijhoff, 1962, § 9, p.72-87.

²¹ Conforme afirma L. Hardy, o reconhecimento da estrutura temporal da evidência obriga Husserl a aproximar as ciências eidéticas das ciências empíricas: ambas não podem ser fundadas de uma vez por todas, pois estão abertas a aperfeiçoamentos indefinidos (Cf. Hardy, L. “The idea of science in Husserl and the tradition”. In: Hardy, L. (org.). *Phenomenology of Natural Science*. Boston: Kluwer, 1992, p.30.

certamente há alterações nas expectativas da sua realização. A idéia de que as ciências devem se basear em princípios seguros evidentes passa a ser admitida como uma meta ideal para o progresso das ciências²². Em consequência de tal admissão, Husserl passa a dar um maior peso teórico ao fato de que as ciências são empreitadas que se *desenvolvem historicamente*. Não é suficiente definir as ciências, tomadas em sua concretude, como uma forma ideal dedutiva de inter-relação de proposições; é preciso explicitar que essa forma ideal é uma meta que guia as investigações científicas atuais, e que essas se desenrolam como *atividade coletiva construída historicamente*. Ao desenvolver essa última consideração, Husserl esboça um terceiro modelo fundacionista.

c) *Explicitação do mundo da vida como solo originário do sentido*: como vimos no tópico anterior, Husserl reconhece que as ciências, assim como todas as formações subjetivas, não são estruturas estáticas, mas atividades submetidas a um desenvolvimento temporal. Esse reconhecimento será fundamental para o desenvolvimento da obra *A Crise das Ciências européias e a Fenomenologia Transcendental*. Nesse texto, Husserl diagnostica uma profunda crise na civilização européia, assolada por guerras e descrente no potencial reconciliador da razão. Um dos principais sintomas de tal crise se encontraria no modo pelo qual as ciências se sedimentaram historicamente, modo que descola os resultados científicos da experiência prático-cotidiana, de maneira que tais resultados deixam de contribuir para a auto-compreensão do sentido da existência individual e coletiva²³. Esse modo pelo qual as ciências naturais se desenvolveram é denominado por Husserl de *objetivismo*, postura dominante nas investigações científicas ao menos desde a era Moderna. As pesquisas objetivistas investigam os objetos em sua pura materialidade e causalidade, independentemente dos predicados estéticos ou valorativos das coisas e situações mundanas. Esse *procedimento metodológico* (o qual, conforme Husserl reconhece, possibilitou inúmeros avanços cognitivos e tecnológicos) é tomado como *hipótese ontológica*, e, assim, passa-se a considerar como a verdadeira realidade não o mundo

²² “A idéia cartesiana da ciência, a saber, de uma ciência universal de fundamentação e justificação absolutas, não é outra coisa senão a idéia que guia constantemente todas as ciências e sua tendência para a universalidade” (Husserl, E. *Cartesianische Meditationen*, § 5, p.52, in Husserl, E. *Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge*. Hua I. Haag: Martinus Nijhoff, 1973).

²³ “Sobre a razão e a não-razão, sobre nós mesmos, homens enquanto sujeitos dessa liberdade, o que a ciência tem a nos dizer? A mera ciência dos corpos manifestamente não tem nada a nos dizer, já que ela abstrai tudo o que é subjetivo” (K, §2, p.4).

apreendido pela experiência, mas o mundo tal como investigado por tais pesquisas: mundo composto de caracteres puramente objetivos e só compreensíveis pela matemática²⁴.

Segundo Husserl, o objetivismo oculta o fato de que as ciências constituíram o seu campo de trabalho no decorrer de séculos de reflexão sobre os dados sensíveis, reflexão que paulatinamente isolou determinados aspectos (a infra-estrutura puramente material) e inventou métodos e instrumentos para investigá-los especificamente. Quer dizer que o objeto compreendido como puro ente físico ou material, ente desprovido de propriedades estéticas e valorativas (e só apreensível matematicamente), *não é um dado recebido passivamente da natureza, mas um produto da reflexão humana*. Em *A Crise das Ciências*, Husserl pretende explicitar as formações subjetivas de sentido que constituíram essa noção de objeto, o qual erroneamente é tomado como um dado originário na postura objetivista²⁵. Essa explicitação implica um novo sentido de fundamentação das ciências²⁶. Nesse contexto de análise, fundamentar as ciências é mostrar como elas nascem no interior do mundo subjetivo-relativo da experiência cotidiana, mundo do qual os cientistas partem para elaborar a circunscrição de objetos purificados de predicados sensíveis ou de valores²⁷.

Esse último modelo fundacionista implica uma crítica da concepção objetivista. Trata-se de mostrar que as ciências são construídas historicamente com base na experiência sensível, e que a postura que despreza toda relatividade subjetiva como empecilho para o conhecimento da realidade na verdade ignora que tal conhecimento se funda, ao menos inicialmente, em tal relatividade. Cumpre notar que a crítica ao objetivismo se resume a uma parte das tarefas pretendidas por Husserl em *A Crise das Ciências*. O apelo aos atos subjetivos constituintes da objetividade científica na verdade fornece ao filósofo *uma nova via para chegar à subjetividade transcendental e*

²⁴ Ocorre, assim, a “substituição da natureza pré-científica dada na intuição pela natureza idealizada” (K, §9h, p.50).

²⁵ “Somente uma retro-questão radical sobre a subjetividade, sobre a subjetividade que realiza de maneira *última* toda validade de mundo com seu conteúdo, e isso em todos os modos pré-científicos e científicos (...) pode tornar compreensível a verdade objetiva e alcançar o *sentido último de ser* do mundo” (K, §14 p.70).

²⁶ Conforme afirma Buckley, nos últimos textos de Husserl “a ciência é uma atividade coletiva, na qual os cientistas devem apreender o sentido de sua pesquisa individual no interior da estrutura da ciência em geral e localizar seus esforços singulares no interior da luta de toda humanidade por conhecimento e sentido” (Buckley, R. P. “Husserl on the communal praxis of science”. In: Feist, R. (org.). *Husserl and the Sciences*. Ed. *Supra*, p.219).

²⁷ Assim como ocorria nos modelos fundacionistas anteriores, Husserl acredita que somente o filósofo pode levar a cabo essa tarefa de fundamentação: “o matemático, o físico, (...) normalmente não é capaz de conduzir tais meditações” (K, §9k, p.57).

desenvolver, ainda que sob novos parâmetros de evidência, a fenomenologia transcendental. Não acompanharemos Husserl nessa nova passagem à subjetividade transcendental. Gostaríamos de explorar com detalhes a crítica ao objetivismo, sem nos comprometer com a circunscrição de um nível transcendental em que se busca descrever as sínteses e atos de uma subjetividade pura.

2. Análise husserliana do objetivismo

Em *A Crise das Ciências européias*, Husserl não se limita a remeter as verdades científicas à sua base na experiência subjetivo-relativa. Além disso, ele pretende recuperar qual era o sentido original das empreitadas científicas, ou seja, qual o sentido da busca de um conhecimento que excede as relatividades subjetivas. Esse sentido original seria aquele de investigar de uma maneira progressiva e racional todas as questões dotadas de sentido, de investigar *tudo aquilo que é*, perspectiva que implica o desenvolvimento de diversas ciências particulares²⁸. Tal estudo omni-englobante permitiria formular um sistema de valores fundado em um conhecimento evidente das diversas dimensões da existência humana, de maneira a propiciar um convívio social determinado por regras absolutas. Segundo o diagnóstico de Husserl, as ciências se desviaram dessa meta original, abandonaram o *telos* de uma interminável investigação por meio da qual a racionalidade recobriria a totalidade do universo. Já há alguns séculos, as ciências se dedicam a estudar somente *fatos* e tratam os valores e ideais como epifenômenos que não compõem diretamente a realidade mundana²⁹. Para o fenomenólogo, uma etapa marcante nesse processo de *naturalização* da investigação racional-científica ocorre com o estabelecimento da orientação objetivista, na idade moderna. Por sua vez, o momento fundante do objetivismo, segundo Husserl, é a matematização da Física (e a conseqüente identificação de um mundo puramente objetivo à realidade), conforme veremos a seguir.

Já na Antigüidade, a geometria e a matemática foram criadas como instrumentos de compreensão das relações entre *formas ideais*, ou seja, formas perfeitas, completamente livres das limitações ou imperfeições materiais. Sem dúvida, havia aplicações técnicas desse conhecimento do “ideal” em casos empíricos, tal como ocorria

²⁸ Primeiramente, esse ideal de uma ciência da totalidade do ser surgiu, segundo Husserl como ideal da *filosofia*, tal como criada pelos gregos. “As ciências no plural, todas aquelas por se fundar e aquelas já em funcionamento, são somente ramos dependentes da única filosofia” (K, §3, p.6).

²⁹ Ao menos desde a Renascença ocorre uma “alteração essencial da idéia da ciência” (K, §3, p.5). Trata-se de uma “limitação positivista” (*id.*), segundo a qual “a verdade científica, objetiva é exclusivamente a constatação disso que o mundo (...) é factualmente” (K, §2, p.4).

na agrimensura, na engenharia, etc., mas tratava-se de aplicações limitadas, que não implicavam nenhuma tese ontológica acerca do mundo. Entretanto, com a obra de Galileu, assim julga Husserl, a utilização da matemática se estendeu para todas as propriedades e relações *reais*, de modo a apresentar a natureza como composta por elementos eminentemente objetivos. Não se trata simplesmente de uma aplicação mais vasta da matemática sobre a empiria, mas sim de uma transformação da própria idéia de mundo, concebido desde então como um conjunto de multiplicidades matemáticas³⁰. Para realizar tal matematização do mundo da experiência, foi preciso interpretar os dados sensíveis (qualidades relativas às capacidades perceptivo-motoras subjetivas) de maneira compatível com a concepção de que a realidade é intrinsecamente formada por qualidades decifráveis matematicamente. Tal compatibilidade surge da *psicologização* de todo dado fenomenal, quer dizer, da interpretação de toda experiência sensível (e do mundo manifestado fenomenalmente) como apenas um efeito psicológico (limitado à interioridade da consciência) de interações entre propriedades objetivas da natureza. Dessa maneira, a experiência sensível é tomada como *índice* de relações objetivas, as quais *realmente* constituiriam a natureza. Os caracteres subjetivo-relativos da experiência fenomenal só interessam, desde então, à medida que permitem inferir interações objetivas no mundo material³¹. Quer dizer que a aparente relatividade subjetiva da experiência não compõe realmente o mundo, mas serve somente de guia para que se possa delimitar relações válidas independentemente de qualquer ponto de vista humano. Configura-se assim o *objetivismo*, ou seja, a orientação científica segundo a qual a realidade do mundo existe aquém de toda relatividade sensível, e segundo a qual essa última somente anuncia o real, mas não o revela diretamente.

Contra a perspectiva objetivista, Husserl pretende fundamentar as ciências no mundo subjetivo-relativo da experiência sensível. Essa fundamentação não se limita a mostrar esse *mundo da vida* como mera instância confirmatória das hipóteses científicas. Nesse sentido, o mundo subjetivo-relativo é somente “um tema parcial na totalidade da ciência objetiva em geral” (K, §33, p.125), pois tal uso confirmatório ou falseador dos dados sensíveis já os toma como índices de uma realidade em si mesma matemática, ou seja, tal uso dos dados sensíveis está submetido ao objetivismo. Fundamentar as ciências na obra tardia de Husserl significa reconhecer que os

³⁰ Com Galileu ocorre “a extensão do método da medida (...) a todas as propriedades reais e a todas as relações de causalidade real do mundo da intuição” (K, §9b, p.31).

³¹ As qualidades sensíveis são tomadas como “índice [*Bekundung*] de um mundo ‘objetivo’. (...) Todos os momentos da experiência intuitiva indicam algo desse mundo” (K, §9b, p.31-2).

cientistas, assim como todas as pessoas, *estão imersos* no mundo subjetivo-relativo da experiência sensível, e que as idealidades científicas são *construídas* sobre as evidências de tal experiência³². Mesmo que um dos resultados da atividade científica seja abstrair a relatividade subjetiva da experiência sensível, deve-se reconhecer que as ciências se desenrolam sobre o mundo das evidências prático-cotidianas. Assim, em seus últimos textos, Husserl analisa a ciência não como uma certa forma ideal de proposições teóricas, mas como uma certa prática entre outras no interior do mundo da vida, mundo no qual os sujeitos agem em relação a objetos e situações espontaneamente manifestados como belos, úteis ou valiosos.

O mundo da vida é o mundo da experiência sensível e das associações intersubjetivas, mundo ordenado pelas capacidades perceptivo-motoras e pelos valores sociais vigentes (não se trata só, desse modo, de um mundo sensivelmente percebido, mundo dos fenômenos atuais, mas sim de um mundo histórico-social). Sobre esse mundo pleno de valores, a ciência circunscreve a *natureza material*, desprovida de significado humano, e investiga, por um *método de empobrecimento da experiência*, as relações causais na pura espaço-temporalidade objetiva. Trata-se de uma abstração advinda de um interesse teórico, que suspende a experiência do mundo conforme as diferentes perspectivas e busca o substrato objetivo, independente das relatividades subjetivas. Por contraste com essa atitude, tão reconhecível nas ciências naturais por exemplo, Husserl sugere uma investigação do mundo da vida em toda a sua complexidade, uma investigação que explicita as práticas humanas no interior do mundo subjetivo-relativo, e, por conseguinte, analise a opção objetivista das ciências como uma atitude particular no contexto prático geral da vida humana³³. Assim, antes de passar à subjetividade transcendental, Husserl aponta a necessidade de desenvolver uma idéia ampliada de cientificidade, a fim de estudar o mundo da vida como um ambiente complexo, formado por relações sociais delimitadas pelas capacidades perceptivas, e também a fim de mostrar como a atitude objetivista das ciências naturais depende dessas relações e dessas capacidades para se instaurar. É essa idéia de uma cientificidade ampla que gostaríamos de desenvolver, conforme ficará claro a seguir.

³² “Enquanto é uma performance [*Leistung*] de pessoas que estão na pré-cientificidade, tanto individualmente quanto na comunidade de trabalho científico que elas formam, essa [ciência objetiva] é pertencente ao mundo da vida” (K, §34e, p.132).

³³ “E talvez a cientificidade que esse mundo da vida exige enquanto tal e em sua universalidade é uma cientificidade própria, que não é justamente objetivo-lógica, mas que, enquanto fundante em última instância, não é a menor quanto a seu valor, mas a mais alta” (K, §34a, p.127).

3. Questões críticas

Husserl circunscreve a orientação objetivista das ciências naturais em meio a um mundo composto de propriedades e valores complexos. Tal orientação surge do empobrecimento da experiência desse mundo complexo, quer dizer, da limitação das pesquisas científicas à análise de relações causais materiais. O ponto de vista de Husserl é aquele de uma cientificidade ampliada, que não recusa a complexidade do mundo da vida, mas parte dela para compreender o estabelecimento do objetivismo. Buscamos assumir esse ponto de vista na tentativa de ampliar a compreensão da atitude objetivista. Um dos principais componentes da experiência do mundo da vida são os *valores*, entendidos com certos parâmetros ideais de comportamento, que servem de guia para o agir particular dos sujeitos. Uma análise ampliada do objetivismo deve levar em conta a armadura de valores em vigor nas sociedades em que ele se desenvolveu. Interessa-nos, assim, perguntar quais os valores que subjazem à opção objetivista e quais vantagens sócio-históricas tal opção oferece. Dessa maneira, pretendemos explicitar por que as pesquisas de cunho objetivistas predominam nas ciências naturais. Trata-se de esclarecer quais as motivações (sedimentadas social e historicamente) que tanto favorecem a orientação objetivista a ponto de ela ser praticamente identificado ao que é científico.

Outro tópico que nos parece fecundo do ponto de vista de uma cientificidade ampliada é tornar explícitas algumas limitações geradas pela perspectiva objetivista. A fim de avançar nesse tópico, questionaremos se é possível obter conhecimento mesmo sem abstrair a camada de relações subjetivo-relativas, ou seja, sem tratar dos tópicos estudados como eventos absolutamente determináveis independentemente de suas relações com a perspectiva subjetiva. Desse modo, almejamos esclarecer se a limitação das pesquisas a eventos plenamente purificados de caracteres subjetivos não exclui diversos eventos do âmbito científico, e se alterações metodológicas ou mesmo em concepções ontológicas não estabeleceriam, por conseguinte, uma esfera mais ampla de fenômenos a serem investigados cientificamente.

4. As observações epistemológicas de H. Lacey

A fim de avançar nessas questões e desenvolver a perspectiva husserliana de uma cientificidade ampliada, recorreremos a algumas idéias de Hugh Lacey, filósofo contemporâneo que se dedica principalmente à análise de temas epistemológicos. De início, seu foco era o problema da seleção entre teorias rivais; em seguida, elaborou uma

crítica refinada ao behaviorismo, e por fim desenvolveu uma análise crítica geral de certos parâmetros habituais de obtenção de conhecimentos científicos. Gostaríamos de expor alguns aspectos dessa análise crítica e explorar de que maneira eles nos permitem avançar em uma crítica fenomenológica ao objetivismo, tal como proposta por Husserl.

Lacey desenvolve a noção de *estratégia* para melhor explicitar como se desenvolve a prática científica. Estratégias científicas são opções metodológicas por meio das quais certas propriedades relevantes para a investigação em vista são selecionadas nos fenômenos mundanos. As ciências naturais, ao menos desde a Modernidade, se caracterizam por estratégias que selecionam atributos que facultam a construção de teorias formalizáveis matematicamente, cujos temas versam sobre relações entre *quantidades*³⁴. Essas estratégias são denominadas por Lacey de “estratégias materialistas de restrição e seleção”³⁵, ou seja, práticas de observação e intervenção que buscam *componentes da infra-estrutura puramente objetiva* dos fenômenos mundanos, abstraídos do contexto social e da experiência sensível subjetiva. Ora, essa noção de estratégia materialista de seleção de dados relevantes para o entendimento científico nos permite ampliar a crítica husserliana ao objetivismo, como veremos a seguir.

Lacey avança consideravelmente no esclarecimento dos motivos pelos quais a orientação objetivista ou materialista tanto predomina na ciência moderna contemporânea. Lacey distingue três momentos na prática científica: 1) a obtenção de dados relevantes sob a orientação de uma determinada estratégia, 2) a avaliação de teorias construídas sobre tais dados, 3) a aplicação tecnológica do conhecimento obtido. O segundo momento remete a eventos que não são relativos às vontades subjetivas, mas sim ao modo como o mundo naturalmente existe: importa, nesse estágio, verificar se as construções teóricas são confirmadas ou falseadas pela ordenação espontânea dos fenômenos mundanos, pelo modo como o mundo é. Por sua vez, o primeiro e o terceiro momentos envolvem não só avaliações epistêmicas neutras, mas perspectivas de valores

³⁴ “No interior das práticas da ciência moderna, considera-se os fenômenos – *qua* objetos de investigação científica – como regulados por leis. Eles são agrupados em classes que de algum modo favorecem a expressão de leis que os regulam. Em geral para expressá-las é preciso identificar as estruturas e seus componentes e os processos subjacentes aos fenômenos (...). Pode-se dizer que os fenômenos são produtos das estruturas, processos e leis subjacentes (...), e são explicados quando se demonstra serem assim produzidos. Todos os objetos pertencentes à ordem subjacente podem ser completamente caracterizados sob o aspecto quantitativo; todas as suas interações são reguladas por leis; e as leis (...) que os regulam são exprimíveis em equações matemáticas” (Lacey, H. *Valores e Atividade Científica*. SP: Discurso/ FAPESP, 1998, p. 114. doravante citado como VAC).

³⁵ VAC, p.116.

sociais. Lacey avalia que o *controle da natureza* é um dos principais valores que favorecem a escolha das estratégias materialistas e que dirige a obtenção de aplicações tecnológicas³⁶. É porque tais estratégias facultam a compreensão das cadeias causais fenomênicas (e a conseqüente intervenção produtiva em seus elos) que elas foram privilegiadas no decorrer da história. A necessidade de vencer as intempéries, doenças e demais restrições naturais ao florescimento da vida humana, e o domínio de recursos materiais para a produção industrial de bens de consumo, motivam e reforçam a utilização de estratégias que acentuem os processos subjacentes aos fenômenos e as estruturas causais que os constituem. Assim, é verdade que as estratégias materialistas devem produzir resultados teoricamente válidos (quer dizer, que sejam verificados em relação ao modo como o mundo existe, conforme o segundo momento da prática científica exposta acima); porém, tais resultados são principalmente aqueles que favorecem a intervenção produtiva nas cadeias de fenômenos naturais.

Esse interesse limitado sob o qual a maior parte do entendimento científico é produzido deixa em aberto a questão de saber se a estrutura natural do mundo não é mais complexa do que aquilo revelado pela perspectiva materialista, e se estratégias diferentes de seleção de dados não permitiriam a formulação de teorias que levariam em consideração outros aspectos estruturais da realidade. Dessa maneira, a análise de Lacey nos fornece elementos teóricos para questionar em que medida as concepções *ontológicas* científicas estão limitadas por pressupostos *metodológicos* previamente assumidos. Se desenvolvermos esse questionamento, poderemos transformar a pretensão fundacionista da crítica fenomenológica ao objetivismo (a insistência em que o retorno à complexidade do mundo da vida oferecerá um fundamento seguro para as ciências) em uma *reivindicação por um pluralismo metodológico e ontológico*. Parece-nos que o que há de fecundo na crítica fenomenológica ao objetivismo *não é a perspectiva de encontrar uma base necessária e auto-evidente para a ciência*, mas sim a possibilidade de, ao revelar o caráter abstrato da infra-estrutura objetiva apresentada como realidade pelas estratégias materialistas, sugerir novas possibilidades de investigações científicas do mundo da vida. Afinal, várias críticas ao programa fundacionista mostram que ele se baseia em uma compreensão errada do que é a atividade científica. Ao menos desde Karl Popper, defende-se que a cientificidade da ciência não está em uma forma ideal dedutiva *baseada em fundações certas e evidentes*,

³⁶ “O entendimento obtido mediante as estratégias materialistas aumenta a capacidade humana de exercer controle sobre a natureza” (VAC, p.117).

mas em sua abertura a testes e na possibilidade de falsificação empírica das cláusulas teóricas. Se a atividade científica está sempre aberta a correções, então o programa fundacionista busca algo que, por sua própria natureza, tal atividade jamais pode oferecer: uma base absolutamente segura, independentemente de quaisquer fatos novos investigados. É certo, assim, que ao veicular uma perspectiva fundacionista, Husserl pouco auxilia a esclarecer o sentido da atividade científica. No entanto, apesar da derrocada contemporânea dos projetos fundacionistas, parece-nos que a análise crítica husserliana do objetivismo se mantém como uma importante fonte reflexiva para compreender o alcance e as limitações gerais do trabalho científico. Desenvolver tal análise crítica por meio de algumas considerações de H. Lacey é a meta principal desse trabalho.

III – Objetivos

O candidato almeja selecionar e expor criticamente as análises fenomenológicas de Husserl acerca do objetivismo científico. Trata-se, nesta etapa do trabalho, de explicitar que embora desenvolvidas em meio a um projeto fundacionista (um tipo de projeto bastante desacreditado nos círculos filosóficos contemporâneos), tais análises contêm elementos que podem contribuir significativamente para a compreensão da prática científica na contemporaneidade. Em seguida, o candidato almeja complementar as análises husserlianas por meio de algumas teses defendidas por H. Lacey. As análises desse filósofo contemporâneo acerca do papel dos valores na escolha das estratégias científicas (e da conseqüente restrição dos resultados dessa última a interesses sociais determinados) ampliam o escopo da crítica ao objetivismo e sugerem a busca por padrões epistemológicos que melhor integrem a complexidade ontológica mundana nas pesquisas científicas.

Vale notar que o pedido de bolsa integrada ao projeto temático “Gênese e significado da tecnociência - das relações entre ciência, tecnologia e sociedade” se justifica primeiramente porque a análise fenomenológica do objetivismo é um recurso valioso para a compreensão das características contemporâneas da objetividade científica, tema a ser explorado pelo prof. Pablo R. Mariconda, coordenador do projeto temático. Além disso, faz parte desse grupo temático o próprio filósofo Hugh Lacey, com o qual poderemos manter um contato pessoal, oportunidade única para o desenvolvimento da parte final de nossa pesquisa, na qual serviremo-nos dos modelos teóricos de Lacey para avaliar as alternativas às estratégias materialistas e as

consequências implicadas por tais alternativas às concepções ontológicas gerais da ciência.

IV – Plano de trabalho e cronograma

Conforme o prazo estabelecido pela FAPESP, dividimos o desenvolvimento da pesquisa nas seguintes etapas:

1. Período – Dois modelos fundacionistas de Husserl

a) *A clarificação dos conceitos*: análise crítica dos textos em que o primeiro modelo fundacionista husserliano é apresentado. O tema está desenvolvido em *Investigações Lógicas (Prolegômenos), Idéias I e Idéias III*. **4 meses**

Elaboração de um texto expositivo acerca da argumentação husserliana **1 mês**

b) *A busca das condições transcendentais da experiência*: análise crítica das principais expectativas da filosofia transcendental husserliana quanto à fundamentação das ciências. Consideração dos limites que o estudo da temporalidade imanente à subjetividade transcendental traz ao projeto fundacionista. O tema está desenvolvido em excertos de *Idéias I, Meditações Cartesianas, Lógica Formal e Transcendental, Filosofia Primeira, Lições sobre a Consciência Interna do Tempo*. Selecionaremos e analisaremos os principais trechos relevantes para nossa temática. **6 meses**

Elaboração de um texto expositivo acerca da argumentação husserliana **1 mês**

2. Período – O terceiro modelo fundacionista e a crítica ao objetivismo

a) *O mundo da vida como solo originário do sentido*: análise dos textos em que Husserl apresenta seu terceiro modelo de fundação das ciências, de maneira a reconduzir as verdades científicas à sua base subjetivo-relativa. Exposição dos tópicos principais da crítica ao objetivismo. Os textos principais quanto a esse tema são *A Crise das Ciências Europeias e a Filosofia Transcendental e Experiência e Juízo*. **3 meses**

Elaboração de um texto expositivo acerca do tema analisado **1 mês**

b) *Desenvolvimento da crítica husserliana ao objetivismo*: avaliação geral da análise husserliana acerca das ciências e a questão do objetivismo. Há excertos relevantes para tal avaliação em *Natureza e Espírito, Idéias II e A Crise das Ciências Europeias II (textos complementares)*, textos que não mencionamos no item II desse projeto. Em seguida, esboçaremos uma ampliação da crítica husserliana com base em algumas idéias de Hugh Lacey, apresentadas em seus livros *Valores e Atividade Científica e É a Ciência livre de Valores?* **7 meses**

Elaboração do relatório final (inclui retomada dos textos escritos anteriormente) **1 mês**

V – Material, métodos e forma de análise dos resultados

Os principais materiais de trabalho são os livros filosóficos escolhidos como centrais para a pesquisa. Os métodos de pesquisa utilizados são a leitura crítica, fichamento e a criação de textos que exponham o entendimento dos problemas investigados nos livros em questão. Em seguida, esses textos serão avaliados e discutidos em reuniões com o coordenador do projeto temático e demais membros interessados.

VI – Síntese da bibliografia fundamental

- FEIST, R. (org.). *Husserl and the Sciences*. Ottawa: Univ. of Ottawa Press, 2004.
- HARDY, L. (org.). *Phenomenology of Natural Science*. Boston: Kluwer, 1992.
- HUSSERL, E. *Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge*. Hua I. Haag: Martinus Nijhoff, 1973.
- _____. *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie. Eine Einleitung in die phänomenologische Philosophie*. Hua. VI. Haag: Martinus Nijhoff, 1976.
- _____. *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie. Ergänzungsband. Texte aus dem Nachlass 1934-1937*. Haag: Kluwer, 1992.
- _____. *Formale und transzendente Logik. Versuch einer Kritik der logischen Vernunft*. Hua. XVII. Haag: Martinus Nijhoff, 1974.
- _____. *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie. Erstes Buch: Allgemeine Einführung in die reine Phänomenologie*. Hua. III-1. Haag: Martinus Nijhoff, 1977.
- _____. *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie. Drittes Buch: Die Phänomenologie und die Fundamente der Wissenschaften*. Hua. V. Haag: Martinus Nijhoff, 1971.
- _____. *Logische Untersuchungen. Erster Teil. Prolegomena zur reinen Logik*. Haag: Martinus Nijhoff, 1975.
- _____. *Natur und Geist: Vorlesungen Sommersemester 1927*. Hua XXXII. Dordrecht: Kluwer, 2001.
- _____. *Phänomenologische Psychologie*. Hua. IX. Haag: Martinus Nijhoff, 1962.
- LACEY, H. *Is Science Value Free? Values and Scientific Understanding*. London: Routledge, 2004.
- _____. *Valores e Atividade Científica*. SP: Discurso/ FAPESP, 1998.
- MARICONDA, P. R. ; LACEY, H. “A águia e os estorninhos: Galileu e a autonomia da ciência”. *Revista Tempo Social*. V. 13, n. 1, p. 49-65, 2001.
- _____. “Galileu e a ciência moderna”. *Especiaria*. V. 9, p. 26, 2006.
- _____. “O controle da natureza e as origens da dicotomia entre o fato e valor”. *Scientiae Studia*. V. 4, p. 453-472, 2006.
- MERLEAU-PONTY, M. *L'Oeil et l'Esprit*. Paris: Gallimard, Folio Essais, 1999.
- _____. *Le Visible et l'Invisible*. Paris: Gallimard, col. TEL, 2001.
- MOURA, C. A. R. de. “A Invenção da Crise”. In: *Racionalidade e Crise. Estudos de história da filosofia moderna e contemporânea*. SP: Discurso/ UFPR, 2001.
- STRÖKER, E. *The Husserlian Foundations of Science*. Dordrecht: Kluwer, 1997.